

resultantes também foram removidos com uma gaze aplicada em movimentos de vai e vem. O paciente foi liberado com medicação antibiótica (Metronidazol associado à Espiramicina 20mg/kg/SID/7dias) e analgésica (Cloridrato de Tramadol 3mg/kg/TID/5dias e Dipirona 25mg/kg/BID/3dias). Quatro amostras foram encaminhadas à análise histopatológica, com diagnóstico final de hiperplasia tecidual associada a processo inflamatório local. Decorridos sete dias, o paciente foi reavaliado e recebeu a alta clínica devido à resolução total do quadro. **Discussão:** A hiperplasia gengival pode gerar desconforto e acúmulo de placa bacteriana nas pseudobolsas formadas. Isso pode ser o motivo da halitose no paciente, relatada pelo tutor. A administração de antibiótico sem tratamento cirúrgico não resulta em resolução do quadro e, por esta razão, foi instituído o tratamento por serviço especializado. Levando em consideração os diagnósticos diferenciais, foi realizado o exame histopatológico, que confirmou o diagnóstico de hiperplasia gengival. **Conclusão:** A hiperplasia gengival é o aumento não inflamatório da gengiva, induzido por predisposição racial ou utilização de fármacos, mas que também pode apresentar-se de forma idiopática. O termo equivale a um diagnóstico histológico e, por esse motivo, deve-se realizar o diagnóstico diferencial de aumentos de volume gengivais com a realização de biópsia e análise histopatológica do tecido acometido. Quando a causa inicial é conhecida, o tratamento cirúrgico é eficaz e curativo. A segurança proporcionada pelo tratamento quando realizado sob anestesia geral por profissional especializado, bem como por cirurgião, também especializado, minimizam os riscos no trans e no pós-operatório, reestabelecendo a qualidade de vida e a higiene oral do paciente. Em quadros idiopáticos podem ocorrer recidivas, sendo necessário o acompanhamento clínico anual do paciente, e, quando houver necessidade, deve ser efetuada uma nova intervenção cirúrgica. O prognóstico do quadro é excelente.

DISJUNÇÃO DE SÍNFISE MENTONIANA EM FELINOS: RELATO DE CASO

NIZ, J. A.¹; PRESCINOTTO, T²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária, Universidade Guarulhos – UNG, Guarulhos-SP, Brasil

² M.V. Centro Odontológico Sorriso Animal, Guarulhos-SP, Brasil

E-mail: nizjessica@gmail.com

A sínfise mentoniana, também conhecida como sínfise mandibular ou articulação intermandibular, é considerada como uma sinoartrose, ou seja, articulação com conexões fibrocartilaginosas unindo as duas hemimandíbulas. Em felinos, a sínfise mentoniana estende-se da região rostral da mandíbula até o terceiro pré-molar, contendo três forames mentonianos em cada ramo, onde passam as artérias, veias e nervos mandibulares. Os traumas mandibulares comuns em animais de pequeno porte podem resultar em fraturas que causam alterações tanto estéticas como funcionais. Os sinais clínicos mais frequentes são: dor, edema, maloclusão dentária, sangramento oral, mobilidade e crepitação óssea. O diagnóstico deve apoiar-se na anamnese, exame físico e exame radiográfico. O tratamento adequado que proporciona conforto ao paciente é realizado, com cerclagem, esplintagem acrílica, entre outros.

Relato de caso: Foi atendido no Centro Odontológico Sorriso Animal, um animal da espécie felina, S.R.D., fêmea, com 11 meses de idade, apresentando histórico recente de trauma em crânio, por queda. Em exame físico, o animal apresentou apatia e dor à manipulação. Em exame oral, foi constatado edema em região de sínfise mentoniana, maloclusão dentária, sangramento oral, mobilidade e crepitação intermandibular. O raio X de crânio foi realizado, descartando-se outras fraturas mandibulares e maxilares, e foi diagnosticada

a disjunção de sínfise mentoniana. A opção de tratamento escolhida foi a cerclagem intermandibular com o uso de fio de aço inox cirúrgico de 0,4 mm juntamente com a esplintagem de resina acrílica. Após 45 dias, sob sedação, foi retirado o material de cerclagem e a resina. O paciente apresentou gengivite de contato, onde foi prescrita a higienização local com clorexidina 0,12%, duas vezes ao dia durante sete dias.

ANESTESIOLOGIA

CONTROLE DA DOR CRÔNICA EM CÃES E GATOS E SEU IMPACTO NA QUALIDADE DE VIDA DOS ANIMAIS

RÉ, B. G.¹; MARTINS, T.L. ¹; FANTONI, D.T. ¹

¹ FMVZ-USP

E-mail: brunna.re@usp.br

Introdução: A despeito dos mecanismos envolvidos na gênese e implicações da dor serem bem conhecidos, grande parte dos animais com esta manifestação não recebe o controle adequado. A dor é classificada como aguda, quando se manifesta imediatamente após processo inflamatório, ou como crônica, quando perdura por maior período e afeta a qualidade de vida do animal. **Material e Métodos:** O presente estudo é retrospectivo e foi conduzido pela avaliação de prontuários de pacientes atendidos no HOVET USP de janeiro de 2002 a dezembro de 2012. A avaliação, feita pela anamnese, escala numérica de intensidade de dor e questionário de qualidade de vida, considerou também avaliação demográfica, quadro doloroso, clínica e o tratamento realizado. **Resultados e Discussão:** Os pacientes são, em sua maioria, caninos, fêmeas, sem raça definida, com mais de 10 anos de idade. A quase totalidade das enfermidades tem origem oncológica, o que pode estar relacionado à idade avançada dos animais incluídos na análise. O aumento na quantidade de pacientes atendidos pode sugerir a maior preocupação e observação dos proprietários. Os pacientes são levados, na maioria das vezes, logo no início das manifestações, o que possibilita diagnóstico e tratamento precoces. Muitas vezes, o paciente chega já sob medicação e os fármacos mais utilizados incluem anti-inflamatórios não esteroidais. Após a consulta, os medicamentos mais comumente receitados, coincidem com os mais utilizados antes e, também, envolvem opioides, principalmente, em casos de dores leves a moderadas, os mais frequentes. **Conclusão:** O tratamento da dor influencia a condição e a qualidade de vida do animal, possibilitando que ele desempenhe suas atividades de forma mais saudável. A conduta para cada caso baseia-se na enfermidade, condição geral e quadro clínico, sendo de extrema importância o atendimento às recomendações, dose e frequência. As características como espécie, raça e idade dos pacientes, também devem ser consideradas. O objetivo de melhorar a qualidade de vida do animal pode ser alcançado com a associação do diagnóstico e tratamento precoces ao acompanhamento clínico e controle de dor. **Apoio:** FAPESP 2013/16624-3.